

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ SETOR LITORAL

BRENNA DE SOUZA ORRICO DE AZEVEDO

HISTÓRIAS DE SUPERAÇÃO DE MULHERES EXTRAORDINÁRIAS

MATINHOS

2017

BRENNA DE SOUZA ORRICO DE AZEVEDO

HISTÓRIAS DE SUPERAÇÃO DE MULHERES EXTRAORDINÁRIAS

Trabalho de conclusão do Curso de Pós-graduação na Questão Social numa Perspectiva Interdisciplinar apresentado na Universidade Federal do Paraná – Setor Litoral, como requisito parcial para obtenção do grau de Especialista.

Orientador: Prof. Dr. Valdo José Cavallet

MATINHOS

2017

TERMO DE APROVAÇÃO

BRENNA DE SOUZA ORRICO DE AZEVEDO

HISTÓRIAS DE SUPERAÇÃO DE MULHERES EXTRAORDINÁRIAS

Monografia apresentada como requisito parcial à para obtenção do grau de Especialista no Curso de Questão Social numa Perspectiva Interdisciplinar, Setor Litoral, da Universidade Federal do Paraná.

Orientador: Prof. Dr. Valdo José Cavallet
UFPR Litoral

Prof. Dr. Almir Andrade
Coordenador da Pós Questão Social numa perspectiva interdisciplinar. UFPR Litoral.

Cidade, de de 2018.

AGRADECIMENTOS

Ao Eterno por me ajudar a vencer esta etapa de minha vida, a minha família, meus professores em especial ao meu mediador Dr. Prof. Valdo José Cavallet que sempre esteve do meu lado em todos os momentos nesta especialização e aos amigos que me apoiaram e incentivaram para a realização deste sonho. E a essas Mulheres que tinham todas as condições para desistirem diante de todas as adversidades de suas vidas, nesta sociedade capitalista. Porém, optaram por lutar e vencer como guerreiras extraordinárias em busca de um sonho e/ou melhores condições de vida para suas famílias.

“Todo mundo tem dentro de si um fragmento de boas notícias. A boa notícia é que você não sabe quão extraordinário você pode ser! O quanto você pode amar! O que você pode executar! E qual é o seu potencial!”

Anne Frank.

RESUMO

Este trabalho se dá entre experiências vividas, observações e muita vontade de compreender como se faz essa força feminina de superação, diante de tantas adversidades. Pretendo trazer nesse trabalho histórias de Mulheres de vivências intensas. Mulheres que tinham todas as condições de vida para desistir e optaram por resistir. Mulheres que por algum motivo precisaram se reinventar para sair da situação em que se encontravam.

Vou falar brevemente da história dela no mundo do capitalismo, mas vou me reter ao cotidiano de superação, e quais os meios e modo que as levaram ao sucesso.

Faz-se possível nas vivências e convivências em suas comunidades e em suas atividades diárias cotidianas. Esse trabalho foi possível pela disponibilidade dessas mulheres que me permitiram entrar em seus lares e suas vidas. Andei por alguns cantos do nosso litoral e nas andanças cheguei até a região metropolitana de Curitiba e São José dos Pinhais. Tive depoimentos, entrevistas, prosas, conversas, e imagens. Mulher do movimento sem terra, mulher indígena da comunidade Araçáí, mulher de casa, mulher da rua, mulher do mato, mulher professora, mulher catadora, mulher agricultora, mulher mãe, mulher mãe solteira. Tantas histórias de luta e vitória, resgatadas por muitos risos e alegria.

Palavras-Chave: Mulheres trabalhadoras, imponderadas, superação.

RESUMEN

Este trabajo se da entre experiencias vividas, observaciones y mucha voluntad de comprender cómo se hace esa fuerza femenina de superación, ante tantas adversidades. Quiero traer en este trabajo historias de mujeres de vivencias intensas. Mujeres que tenían todas las condiciones de vida para desistir y optar por resistir. Mujeres que por algún motivo necesitaban reinventarse para salir de la situación en que se encontraban.

Voy a hablar brevemente de su historia en el mundo del capitalismo, pero voy a retener al cotidiano de superación, y cuáles los medios y el modo que las llevaron al éxito.

Se hace posible en las vivencias y convivencias en sus comunidades y en sus actividades diarias cotidianas. Este trabajo fue posible por la disponibilidad de esas mujeres que me permitieron entrar en sus hogares y sus vidas. Caminé por algunos cantos de nuestro litoral y en las andanzas llegué hasta la región metropolitana de Curitiba y San José dos Pinhais. He tenido testimonios, entrevistas, prosas, conversaciones, e imágenes. Mujer de la calle, mujer de la calle, mujer de la calle, mujer de la calle, mujer de la mujer, mujer de la mujer, mujer de la mujer, mujer de la madre, mujer de la madre soltera. Tantas historias de lucha y victoria, rescatadas por muchas risas y alegría.

Palabras clave: Mujeres trabajadoras, imponderadas, superación.

SUMÁRIO

| | |
|---|----|
| 1 HISTÓRIA DE VIDA | 6 |
| 2 DANDO INICÍO A CONVERSA..... | 10 |
| 3 ESCOLHA DO TEMA | 11 |
| 4 A IMPORTÂNCIA DO TEMA..... | 13 |
| 5 TRILHAS PARA COMPREENDER O UNIVERSO FEMININO DE SUPERAÇÃO | 14 |
| 6 RECICLANDO E LAPIDANDO UM DIAMANTE ROSA..... | 15 |
| 7 ENTRE FLORES E FRUTOS, O PORTO SEGURO: A PERÓLA DA ILHA DE BARBADOS..... | 18 |
| 8 A CIRANDA DAS CRIANÇAS NA COMUNIDADE INDÍGENA ARAÇAI | 20 |
| 9 AZUL PORQUE É COR E COR É FÉ MENINA..... | 22 |
| 10 LENIR MARISTELLA DANDO A SUA VERSÃO | 24 |
| 11 A ABELHA RAINHA, EDUCA, FAZ MEL E VALORIZA A AGRICULTURA FAMILIAR..... | 27 |
| 12 FUTURO DE IGUALDADE DE GÊNERO E VALORIZAÇÃO DE AÇÕES FEMININAS | 29 |
| 13 O BOM DE TUDO | 31 |
| 14 GRUPO DE APRENDIZAGEM UNIÃO FEMININA..... | 32 |
| REFERÊNCIAS..... | 33 |
| ANEXO 1 – RETRATO DE MULHER | 34 |

1 HISTÓRIA DE VIDA

Nasci em Natal, em 1977, passei toda a minha primeira idade escolar estudando em escolas do interior do estado do Rio Grande do Norte em uma cidade chamada Pedro Velho, pois morava na fazenda Capivara perto dali. Meu pai era veterinário e minha mãe era tudo, mãe, enfermeira, cuidava de uma farmácia, dava aula e ainda trabalhava plantando cana-de-açúcar. Até meus seis anos tinha uma vida de luta, mas tranquila. Com o falecimento do meu pai as coisas mudaram, pois sofremos com a desapropriação da fazenda e conflitos familiares.

Minha mãe depois de muitas lutas decidiu que íamos morar no Paraná. Seguimos para Foz do Iguaçu, cidade que tenho no meu coração por tudo que ela me proporcionou. Tentei terminar os estudos, mas tinha que trabalhar. Também criava atrito com professores porque atrasava nos horários, em circunstância de trabalhar no Paraguai e vivia cansada. Desisti várias vezes, mas consegui terminar o terceiro ano com a ajuda de minha mãe que me ensinava nos livros do telecurso 2000.

Tinha vontade de ser advogada para fazer justiça e reaver todos os bens que a família do meu pai tomou quando ele faleceu. Fui à universidade UDC (Universidade das Cataratas) em Foz do Iguaçu ver as possibilidades de cursar o curso de Direito, mas quando vi os valores desisti.

Decidi fazer faculdade de Direito no Paraguai, na Universidad San José Del Paraguai, na esperança que o MEC convalidasse o meu curso, mas não foi convalidada. Voltei à estaca zero.

Mudei-me para São Paulo para trabalhar e tentei fazer Fisioterapia na Universidade Santana no Tietê, cursei um semestre, mas novamente não dei conta de pagar mais além daquele semestre. Voltei para Foz desconsolada e com os sonhos frustrados. Aquele mito de que os nordestinos faziam a vida em São Paulo não deu certo para mim.

Entre tantas idas e vindas, tentativas e reinícios me permito ir além das fronteiras do Brasil e na companhia de um amigo partimos para a Europa, cheios de sonhos. Desembarquei primeiramente na Bélgica e logo me acertei indo pra Itália de onde vem minha família paterna.

As primeiras reflexões que não se faziam ser esquecidas em minha mente, eram de como tudo era tão diferente nas cidades e o que eles pensavam dos povos da América latina. Sofri algum preconceito, que a partir disso descobri que era negra, pois no Brasil

eu era considerada morena, ou seja, parda e parda é umas das formas de se chamar a negra clara, como se houvesse uma palheta de cor e essa palheta ia definir o nível de preconceito e aceitação que você teria na sociedade partindo da sua cor. Algo muito novo para mim, pois nunca senti isso de maneira tão explícita. Veio-me à pergunta: se eles são exemplo de povo, ditos de primeiro mundo e ainda não superaram o preconceito nem a mania de achar que o jeito deles de viver e de conviver é o jeito certo, porque se considerados superiores.

Bom, nesse momento percebi que o eurocentrismo e a maneira de ver o mundo e o pensamento dos europeus não eram tão elaborados assim, e que os nossos saberes tinha um valor imenso, juntamente com nossa cultura. O interessante foi redescobrir que os brasileiros é um povo que tem garra de vencer as adversidades com humor e alegria de viver independente das lastimas. Mas esse tempo por lá foi também muito bom, fiz amigos e abri muito sobre arte, diversidade cultural e novos arranjos de vida.

Foi essencial para eu me valorizar como cidadã brasileira e como mulher. As questões femininas não são tão superadas na Europa como eu pensava. Vi machismo, ignorância e preconceito vestindo pele de varias cores e com olhos negros e olhos azuis.

Saudades da família me fez voltar ao Brasil valorizando cada momento da vida e juntos seguirmos em frente para tentarmos mudar nossa realidade social.

Em 2004 comecei a cursar Publicidade e Propaganda na Universidade das Cataratas em Foz do Iguaçu. Desta vez tinha certeza que tudo daria certo, porém muitos acontecimentos adiaram meu sonho. Fiquei grávida e logo depois já me separei e vim morar em Matinhos. Pouco tempo após mudei para Curitiba, e reabri a matricula na PUC do Paraná, que infelizmente, por ser muito cara tive que abandonar. Segui a vida trabalhando na área como fotógrafa para cuidar da minha filhinha.

Maior de 2010, na cidade de Curitiba ao chegar à minha rua, havia muitos bombeiros e custei a perceber que estava acontecendo um incêndio e era em minha casa. Perdi meu chão.

Recomeçar já fazia parte de minha vida, mas dessa forma tão forte era a primeira vez. Fiquei morando no carro durante 30 dias com minha filha Luma de seis anos. Passava os dias pensando no que fazer e tentando tirar o cheiro de queimado que parecia estar impregnado em mim. Luma minha filha passava o dia na escola e a noite a gente dormia algumas vezes na casa de amigos, ou em estacionamentos da capital Curitiba. Senti um sentimento de desânimo, mas logo mudei o pensamento e resolvi voltar pra o Litoral. Afinal sou uma pessoa muito positiva. Sigo de volta à casa da

minha mãe mais uma vez em Matinhos.

Em meados 2010 resolvi tentar vestibular na Federal em Matinhos, e passei. Quanta felicidade! Onde a inclusão se faz presente no dia a dia e está escrito no PPP da UFPR Litoral. Naquele momento vi que eu estava tendo a chance de minha vida.

Desempregada com uma filha morando de volta na casa da mãe não era o cenário que eu tinha planejado para minha vida. Busquei vários trabalhos, pois como falo alguns idiomas achei que daria conta de me empregar num hotel ou pousada, mas as coisas não estavam fáceis por aqui. Aguentei ficar com todas as dificuldades e percalços até a greve da UFPR de 2012 que seguiu longa e realmente não via mais como sustentar aquela situação.

Voltei para Foz do Iguaçu, trabalhar no Paraguai. Embarquei na grande aventura de ser mãe novamente e de repente minha vida mudou me casei e tive mais um filho, Miguel.

Miguel me ensinou muitas coisas e uma delas foi resgatar antigos sonhos. Veio uma vontade e força de voltar pra Matinhos e terminar meu curso para seguir sonhando. Com a minha volta e a experiência da maternidade, passei a perceber as coisas de forma diferente e as pessoas se reinventaram para mim, ou eu não tinha aquele olhar. Envolvi-me de corpo e alma nesta universidade. Transformo-me a cada ação, conversas, contato, evento, um simples bate papo nos corredores ou até mesmo no restaurante universitário. Descobri pessoas maravilhosas, mulheres maravilhosas neste processo. Aprendi a me reinventar e me dar oportunidade, acreditar na minha força interior feminina.

Em 2015 me separei do pai do meu filho Miguel. Não foi um momento fácil. Nesta hora precisei de uma energia ulterior para superar essas questões e seguir em frente com meu sonho de ser uma professora universitária. Sonho que nasce em meu coração ao ver alguns professores fazendo a diferença e contribuindo para a transformação de pessoas.

Em 2016 entro no curso de pós-graduação em Questão social numa Perspectiva Interdisciplinar da UFPR Litoral. Essa notícia foi tão forte que não aguentei e chorei de alegria, pois ainda havia resquício em minha pessoa de insegurança e baixa estima.

Nesse momento começo a por em prática vários saberes, mas principalmente a dar conexão com as questões sociais de minha vida e de várias mulheres que passam por situações difíceis desde violência doméstica a dificuldades de se inserir no mercado de trabalho. Percebendo mais a importância da educação como pilar para mudanças sociais.

Tenho como exemplo a minha mãe, que partindo dessa convivência aumenta o meu interesse de estudar o comportamento de superação dessas mulheres. Dessa maneira parto a campo em busca dessas histórias extraordinárias de sonhos, de superação, empoderamento e felicidade. Para fazer desvelar uma nova versão minha de mulher e ser ferramenta de mudança de outras mulheres em situações parecidas com a minha. Eu passo a me estudar, a me pesquisar, e a me compreender nessa com as histórias delas.

2 DANDO INICÍO A CONVERSA

A História da mulher na sociedade do trabalho capitalista é também de desigualdade. Esse tema há muito tempo vem sendo tratado pelas literaturas como objeto de estudo. Nesse processo produtivo do mercado de trabalho a mulher tem o mesmo preparo intelectual e técnico dos homens, todavia as mulheres continuam sofrendo processo de subalternização. Neste estudo prezarei por relatar as verificações de superação que se dá no contra fluxo das oportunidades do trabalho, nas adversidades da vida decorrente de um universo tão amplo de responsabilidades, cobranças, e dificuldades restritas ao universo feminino e suas nuances.

Venho observar as alternativas que elas encontram em seus contextos sociais para superarem e seguirem suas vidas dando conta de suas responsabilidades e seu lugar no planeta.

Quando falo em superação estou me referindo não somente ao mercado de trabalho, mas as adversidades na qual estão inseridas. Proponho vivências e interações em diversos contextos culturais e sociais para que a análise seja mais complexa possível. Procuro reunir mulheres que se disponham a dividir suas histórias de vida e que sejam diferentes entre si, em idade, meio e modo de vida.

Nesse período foram entrevistadas 20 mulheres dentre elas do campo, da cidade, de comunidade indígena, movimento social, e líder comunitária que teve algum tipo de ruptura no fluxo de sua vida. Seja por violência doméstica, catástrofe ou situações difíceis na trajetória. Dentre essas elegi algumas para considerações. Todas as histórias são ricas, e o critério de escolha foi feito pela exposição de suas histórias algumas mulheres detalharam mais os acontecimentos possibilitando uma melhor compreensão dos fatos. Por pedidos a maioria das mulheres tem seus nomes trocados por nomes fictícios e apenas uma a professora Lenir Maristella não se opõe a revela-lo.

Foi um trabalho intenso emocionante de muito aprendizado e que só foi possível devido ao consentimento dessas mulheres em abrir suas vidas e suas casas para esse trabalho.

A força existente nessas mulheres e algo surpreendente e que serve de exemplo para outras mulheres em situações parecidas.

3 ESCOLHA DO TEMA

A vida estando sempre nos movimentando e impulsionando na direção guiada pelas nossas escolhas e condições de liberdade. A escolha desse tema foi de maneira a encontrar com o meu eu e minhas identificações com essas mulheres. Querendo de forma subjetiva criar um atalho ou manual de superação. Há um desejo em mim de compreender esse mundo não muito falado, mas muito vivido e reverberado em que as mulheres conseguem resultados incríveis de superação e valorização de suas capacidades, contudo à custa de muito trabalho e enfrentamento. Identifico-me com o tema e para me compreender e compreender os tantos universos femininos.

Quando tive a feliz notícia que conseguirá entrar na Especialização em Questão social na Perspectiva Interdisciplinar da UFPR Litoral, foi como uma grande mão que me tirava de um mundo que consumia minha vida emocional e psicológica (neste momento estar sem trabalho já tinha sido superado). Existia em mim uma força que me orientava para sair daquela situação e essa força já me dava sinais com algo estivesse sendo gerado. E quando a oportunidade apareceu me agarrei a ela e dei o primeiro passo a arriscar sair da zona de dificuldade. Vale dizer que não é fácil e sim é um desafio rodeado de medos e sentimentos adversos, mas a vontade de superar é maior.

A conquista dessa vaga me deu uma energia positiva de saber que a academia me achava capaz de realizar e fazer parte desse processo emancipatório contínuo. E que estava tendo uma oportunidade valorosa pra minha vida pessoal e profissional, dando-me ferramentas para toda essa busca de compreender e de me posicionar nesta nova sociedade na qual, nos mulheres estamos tentando instituir.

No decorrer das aulas foi se dando o fim do processo de separação e superação e me vi na opção de escolha do tema de TCC, acreditando ser pertinente e de grande valia para a sociedade. Escolhi pesquisar essas mulheres extraordinárias que superam a cada dia muitas dificuldades e tentar explicar esse fenômeno.

Vivi violência doméstica, minha mãe sofreu violência doméstica minha avó, minhas tias e amigas e vi nessas mulheres uma força de superar e de seguir em frente criando os filhos e acreditando num futuro bom, sempre com esperança e alegria. Atualmente existem fortes campanhas para igualdade de gênero feita pelo estado destaque o PNUD (programa das nações unidas para o desenvolvimento), desde o ano de 2000 vem encorajando a defesa dos direitos humanos através desse trabalho de

conscientização, educação e desenvolvimento humano).

Mas nem todas as mulheres conseguem esse feito, então sinto responsabilidade de contribuir para que isso aconteça, já que tive o suporte e apoio de minha mãe e do saber que me foi concedido na universidade. Tenho que dizer que com todo isso ao meu favor ainda assim não foi fácil.

Decidi escrever relatos e histórias de vida de mulheres que de certa forma se identifica com a minha e das mulheres da minha vida. Tentar descobrir da onde vinha essa força que como fênix elas conseguiram sair de situações difíceis. Vou além da violência doméstica e trato a superação de forma mais ampla, diante da vida da mulher no trabalho, na saúde, e nos seus contextos.

E por fim essa monografia vem a homenageá-las por serem exemplo para futuras gerações e para lutas contra qualquer tipo de violência contra a mulher e contra qualquer ser humano em situação adversa. Desejo de forma mais pura e verdadeira homenagear minha mãe Maria Izabel de Souza Azevedo por ter superado tantas dificuldades sociais, morais, emocionais, psicológicas, financeiras e de violências doméstica sofrida no decorrer de sua vida e diante de tudo venceu, superou. Criou duas filhas sozinhas sem ajuda de ninguém. Obrigada mãe.

Pretendo também neste trabalho trazer alegria e mostrar que há felicidade nessa superação e a sensação de ter conseguido vencer é sublime.

4 A IMPORTÂNCIA DO TEMA

A falta de liberdade de mulheres produz primeiro, uma iniquidade que afeta a vida feminina e por consequência a das suas comunidades. Com o movimento feminista se instaura uma nova onda de libertação, sob duras penas de busca de direitos omitidos para as mulheres. Na ponte do diálogo contra tabu, preconceito e falta de direitos.

O presente trabalho propõe a visibilidade de força feminina através de suas histórias e reflexões. Valorizar essa força feminina realizadora e observar nessas mulheres como se dá esse processo de ir adiante com suas vidas. Homenagear e olhar para a mulher com outro olhar. Um olhar cotidiano, realista de suas vidas. Onde os momentos mais difíceis que são posto em prova medem a sua capacidade de resistir.

Aprender sempre com essas mulheres extraordinárias, compreender-me, identificar-me nelas e identificar meios de estimular outras mulheres a superar as adversidades da caminhada.

Capacitando-me para em futuras ações como educadora ter o potencial a habilidade de achar caminhos de transformação. Tendo o capital social necessário para efetuar e interiorizar nelas a possibilidade de mudança partindo delas mesmas.

5 TRILHAS PARA COMPREENDER O UNIVERSO FEMININO DE SUPERAÇÃO

Gostaria de deixar explanado anteriormente a metodologia usada pra esse trabalho. Sendo ela totalmente qualitativa. Trabalharei com histórias de vida, relatos, prosas, entrevistas conversas e imagens sociais dessas mulheres. Segundo a Dra. Maria Isabel Cunha (1997) “defende a ideia de que as narrativas provocam mudanças na forma como as pessoas compreendem a si próprias e aos outros e, por este motivo são também importantes estratégias formadoras de consciência numa perspectiva emancipadora”.

Tive contato com muitas mulheres em campo, entretanto selecionei algumas dentre elas para citar. Todavia falarei de mais de uma delas por achar que devo diversificar para compreender os vários perfis de mulheres em constante superação. Tratarei de manter em sigilo o nome das entrevistadas, usando assim nomes fictícios, com exceção da Dra. Professora Lenir Maristella da Silva.

“Faz muito tempo, nunca me esqueci. Eu ia de ônibus. Atrás, duas mulheres conversavam. Uma delas contava para a amiga os seus sofrimentos. (Contou-me uma amiga, nordestina, que o jogo que as mulheres do Nordeste gostam de fazer quando conversam umas com as outras é comparar sofrimentos). Quanto maior o sofrimento, mais bonitas são as mulheres e a sua vida. Conversar é a arte de produzir-se literariamente como mulher de sofrimentos” ALVES, Rubem (2003).

6 RECICLANDO E LAPIDANDO UM DIAMANTE ROSA

Dou início a essa caminhada ao entorno da região do bairro Tabuleiro, onde está localizado entre o bairro mais caro de Matinhos e uma unidade de conservação da mata atlântica o Parque Saint Hilairie.

Saio pra pesquisa em busca de histórias, prosas, conversas ou alguma pista de como começar essas pesquisa para descobrir qual era o segredo que por sinal também estava em mim. “Mas sabemos que não é possível separar o eu profissional sobreando numa profissão fortemente impregnada de valores e ideias muito exigente do ponto de vista do empenhamento e da relação humana.” NOVOA, Antônio (1982).

Converso com várias mulheres extraordinárias, mas algumas delas não se deixam fotografar. Algumas tinham vergonha, pois se achavam feias e outras estavam sujas. (nenhum motivo seria problema para minha pesquisa, mas pretendo respeitá-las em todos os processos).

Tive algumas dificuldades de fazer uma entrevista convencional como estava elaborado previamente, entretanto havia esquecido que estava entrando num campo muito delicado e cheio de dores e conflitos internos e externos.

Sendo assim, me infiltro com a ajuda de minha mãe em alguns rincões do gueto deste bairro para conversar com mulheres que fazem o trabalho de reciclagem. Só me foi permitido à riqueza de poder estar com elas, rindo tomando café sendo contaminada por essa energia de luta dessas mulheres guerreiras devido à identificação de amizade que elas tinham com a minha mãe.

Conheci mulheres com histórias emocionantes que certamente estará comigo para sempre, pois fizeram parte da minha evolução tanto pessoa como profissional.

Naquele ambiente envolto por material reciclado, nada delicado nem esteticamente para trabalho feminino, como se pensa na cultura capitalista e machista. A primeira descoberta foi: essas mulheres tem muita força física e estão sim inseridas em trabalhos pesados.

“As virtudes femininas – passividade, submissão, doçura – que lhe foram inculcadas durante séculos, tornaram-se agora completamente superfulas, inúteis e prejudiciais. Ou seja, a dura realidade exige outras qualidades nas mulheres trabalhadoras. Precisa agora firmeza, decisão e energia, isto é, aquelas virtudes que eram consideradas como propriedades exclusiva do homens.” (KOLLONTAI, 2000.p 17).

Com essa dita nova realidade as mulheres tiveram de se adaptar diante de mudanças que aconteceram na estrutura familiar e muitas tendo que trabalhar para cuidar de seus filhos sem ajuda dos pais. A assistência do governo, com o benefício da bolsa família tem sido a saída de muitas dessas famílias para alimentar seus filhos. Algumas delas sofreram violência doméstica e ao conseguir se desvencilhar dessa violência, ainda tem mais o que se preocupar deve lidar com abandono que alguns pais tem para com os seus filhos. Ficando para a mãe toda a responsabilidade de criá-los.

História de vida de Ana Maria (nome fictício), ela tem 36 anos, nascida em Curitiba PR, veio para Matinhos com seu companheiro hoje já falecido (assassinado), tem seis filhos incluindo gêmeos de dois anos. Mulher bonita de olhos verde, muito queimada pelo sol, marcada na pele pelo trabalho desde infante e por violência sofrida por queimaduras de ponta de cigarro. Ana sofreu violência por todos os homens de sua vida, pelo pai, irmão mais velho, e por seus companheiros. Estudou no EJA e se orgulha de ter conseguido terminar o segundo grau. “Ninguém tira o trono do estudar, ninguém é dono do que a vida dá, e nem me colocando numa jaula porque sala de aula essa jaula vai virar.” BLACK, Dani (2015).

A história de Ana Maria veio à tona porque foi instigada após as mulheres escutarem a minha história de vida e partindo dessa iniciativa a tarde foi longa. Eleita entre tantas histórias lindas de superação. Avistei em seus olhar que esse processo de falar e ser ouvida fê-la refletir de alguma maneira sobre como ela é vitoriosa e se identificou como protagonista.

O processo delicado de captação dessa história de vida deu-se assim: relato dado por ela sem uma sequência de perguntas aconteceu naturalmente e ela decidiu nos contar sua trajetória.

Naqueles momentos onde todas estavam presentes havia certa conversa, mas quando ela começou a falar todas ficaram em silêncio e havia entre nós uma cumplicidade e solidariedade, como um reflexo no espelho, como se nos visemos nela naquela história. Existia algo de sua história parecida com a minha. Houve pausas, choros, riso, e muita emoção. “A beleza que se ouve no silêncio. Daí a importância de saber ouvir os outros: a beleza mora lá também. Comunhão é quando a beleza do outro e a beleza da gente se juntam num contraponto“. ALVES, Rubem (2003).

Ana trabalha fazendo bico como recicladora para dar conta de alimentar os

filhos e fazer o barraco que tem na invasão. Vi nos olhos daquela mulher uma felicidade quando falava de ter conseguido finalmente um lar, mesmo que a sua casa ainda não seja de alvenaria. Ela ama a cor rosa e conta que tudo que acha bonito no lixo rosa ela cata, lava, deixa bem limpinho e guarda pra ser usado na decoração da casa quando estiver toda pronta.

Esta muito animada, pois sua mãe está vindo do interior do estado para morar com ela e, além disso, terão um grande encontro pois, fazem oito anos que não a via. Agora ela cuidará de sua mãe e terá uma amiga, pois faz questão de dizer várias vezes: "você na vida só tem uma amiga, uma pessoa que te ama de verdade: a mãe da gente". Quando toca no assunto de seus companheiros ela diz: homem pra me bater e tomar cachaça eu não quero. Gosto muito de dançar e as vezes deixo meus filhos sob o olhar da filha mais velha e da vizinha e vou para o baile (risos), as vezes também dou uma furunfada porque sou filha de Deus". Nesta hora foi uma risadeira só.

Mais um aprendizado nesta vivência o melhor para que as mulheres se abram e tocar em temas às vezes esquecidos propositalmente e começar primeiro dando o seu depoimento, partindo da sua história de vida.

7 ENTRE FLORES E FRUTOS, O PORTO SEGURO: A PERÓLA DA ILHA DE BARBADOS

Este estudo foi em dia chuvoso, aliás, quase em todas as saídas choveu espero que isso seja algo positivo.

Em torno do restaurante Natura, único da ilha de barbados onde todos os alunos da pós-graduação em Questão Social numa Perspectiva Interdisciplinar, estavam acomodados, resolvo sair em busca de novos mundos a ser conhecido, e me encontro com uma senhora dona Rosa (fictício), viúva, 90 anos moradora daquela pequena ilha desde sempre. Convida-me para entrar e conhecer sua casa. Uma casinha linda cheia de simplicidade com o chão batido e fogão a lenha. Muito aconchegante com uma janela aberta de frente para o mar para enxergar os pescadores que chegam da lida. Em uma parede da casa avisto um altar com uma foto artesanal sua e de seu esposo, santos e flores. Mora sozinha porque gosta de ter a sua rotina a livre escolha. Tem filhos e netos na ilha.

Revela-me de sua vida algumas dificuldades e encantos de ter vivido nesta ilha por toda a sua vida e criado seus filhos. Com uma voz baizinha e muito tranquila me fala da pedra gigante que tem no fundo de casa e de como a mesma escureceu com o tempo. Apresenta as plantas, flores e a pequena horta que é ser cuidada diariamente.

Fala da falta de energia e de como fazia para iluminar a casa a noite, mas salienta que dorme cedo e isso é bom pra saúde. Nesta abordagem a prosa correu solta e o tempo passou tão rápido que nem percebemos. A história de vida de dona Rosa traz a tona outras formas de superação. Neste caso à superação física do ambiente e ligação de respeito com o meio ambiente.

Mais uma vez minhas perguntas prontas não se encaixavam no contexto, tentei algumas, mas foram sabotadas pelo barulho da chuva e dona Rosa entendia outra coisa, assim abria um leque de assuntos diverso. Então o rumo da conversa foi traçado por dona Rosa, e o exercício de escutatória foi excelente.

Quando dona Rosa e seu esposo eram muito jovens com seus filhos bem pequenos, tinham que enfrentar as adversidades naturais, sendo esse o preço de morar no paraíso. Ela permanecia na ilha enquanto ele saía com destino ao mar às vezes por alguns dias. Sendo assim dona Rosa enfrentou o mau tempo, ventanias, fez horta para variar o cardápio, além da horta medicinal, coletava água da chuva, fervia água para banho, e ainda cuidava para que as crianças não fossem picadas por insetos ou animais

maiores passando citronela.

Uma bordadeira de Mão cheia, também costurava as roupas da família e nestes momentos contava histórias para as crianças com o intuito delas não saírem de perto, para estarem sempre perto de seus olhos. Dona Rosa superou todas as adversidades de morar num paraíso. Ela diz não se arrepende e conta que e muito feliz terminado a frase com uma bela gargalhada.

8 A CIRANDA DAS CRIANÇAS NA COMUNIDADE INDÍGENA ARAÇAI

Ao chegarmos ao ponto de estacionar o veículo ônibus da UFPR setor litoral no qual fui com o grupo da pós-graduação ANE (alternativas para uma nova educação). Fomos caminhando poucos metros para a comunidade indígena de Araçai, já se ouvia alegria das crianças com nossa chegada. Esse comportamento tão natural e puro delas nos deu uma sensação de aconchego e aquela sensação de sejam bem vindos.

Uma grande roda foi feita, no meio da aldeia, e em volta as árvores e todos os que ali estavam se apresentaram desde as crianças até os mais velhos. Num clima muito agradável e de muita reciprocidade tivemos aquela experiência maravilhosa. A Sra. Maitê a índia mais velha da tribo ficava em volta de olhar sereno e muito observador fumando seu cachimbo, como quem tentava entender aquelas pessoas. Vários momentos de alegria se passaram, entretanto o que me chama a atenção e a organização do trabalho artesão e dos pontos de venda de artesanato e o valor que essas mercadorias têm para elas.

Os artesanatos são colares, pulseiras, arcos, flechas todos decorados com simbologias indígenas. E o trabalho Artesanal desde a produção até a venda é feito pelas índias e suas filhas que aprendem desde cedo este ofício. Diferente do nosso valor, elas dão o preço de acordo com o trabalho dado para fazer, o tempo gasto e o sentimento que a peça traz. Sendo uma fonte de renda e divulgação de sua cultura para que não se perca com o tempo.

Logo resolvo ir de encontro às mulheres e as meninas de uma banca muito colorida e compro um adereço pra cabeça. E naquele momento abrimos um canal de conversa. Conheci Jussara, uma menina linda e inteligente e sentimos uma forte afinidade. Após aquele encontro percebo Jussara próxima de mim em todos os movimentos que eu fazia na aldeia, no passeio que levava ao rio até a incrível experiência de entrar em uma casa de reza e ver a força dos Deuses da floresta. Jussara me conecta a minha responsabilidade social como professora e me reconecta a minha essência, a verdade de porque sigo nesta caminhada, ela me dar um novo horizonte, abrindo novas perspectivas entre novos olhares e possibilidades.

Araçai tem uma magia de fazer a gente se libertar das convenções e sentir o momento. O cheiro da terra e o humano sem sua materialidade. Nesta oportunidade de saída de campo observei que cheguei como uma estudante que estava ali para realizar a sua pesquisa e saio trasbordando a minha verdadeira essência. Vi naquelas meninas e

mulheres uma força motora muito grande e o que as move é a satisfação de fazer algo que as deixasse com orgulho de sua arte, de sua capacidade e de sua força.

“Um trabalho tem sentido para uma pessoa quando ela o acha importante, útil e legítimo.” (MORIN, 2017).

Estou em meio a aquelas crianças que não paravam de aparecer saindo de seus esconderijos. Elas ensinaram tanto, fui convidada por Jussara a entrar em sua casa e ver seu caderno, disse que gostava de estudar, e conheci ali os sonhos que estão sendo nutridos desde pequenina, sonha em ser professora da aldeia. Andei por tudo com essas crianças, comandado pela chefe da tribo mirim Jussara. Passei o dia tão pertencente daquele espaço, que tive a impressão de não senti falta de outras companhias.

È chegada a hora da partida e eu já sentia uma vontade imensa de voltar, e de repente Jussara vem com um lindo colar feito por ela e cheio de sentimento me apresentar, meu coração enche de emoção e me percebo como uma mulher sentimental e que valoriza os pequenos grandes gestos de amizade, eu e Jussara seremos amigas fieis para sempre, pois houve muita verdade em nossa breve convivência.

Estarei com o colar no dia da apresentação do TCC. Este colar azul, com um pingente de concha estava para venda, mas ela achou bom me dar e eu achei bom tê-lo comigo para lembrar essa amizade entre eu uma mulher em busca de compreensões e uma menina índia guarani me ensinado a viver.

9 AZUL PORQUE É COR E COR É FÉ MENINA...

A expectativa de conhecer um pouco da vida das mulheres do movimento MST me tirara o sono, muita ansiedade de como seria minha passagem por lá. Na chegada muita chuva. Confesso que calor humano e receptividade não faltaram. Observo que como em outras comunidades as conversas são feitas coletivamente e em roda. Outro fato interessante e que as crianças estão inseridas em todos os processos de decisão da comunidade, observando mesmo que envolta de brincadeiras e risos.

Soraia, 32 anos aceita dar a entrevista e ficamos bem à vontade para falarmos de todas as áreas da vida. Pedagoga, casada, três filhos moradores do acampamento MST. Essa moça jovem, com um sorriso doce é uma mulher forte e determinada.

Fez pedagogia num curso que há para moradores do MST em cascavel e depois vem morar aqui em Antonina no acampamento José Luxemburgo.

Essa mulher e militante do MST e lutam em prol de uma nova educação. Trabalha com as crianças do movimento uma educação libertadora, emancipatória e que vai de encontro com a ideologia do movimento e de preservação da natureza.

Com condições mínimas de trabalho ela atua na educação abordando a arte e cultura na comunidade. O espaço de aprendizagem é no barracão onde são guardadas as sementes e o maquinário da cooperativa do movimento sem terra. Neste ambiente são ministradas aulas de musica e capoeira. Está na busca de acrescentar mais atividades ao currículo.

Diante dessa realidade entramos em contato com outras mulheres do acampamento, pois elas têm a demanda e a vontade de fazer uma escola com ferramentas suficiente para que ali sejam educadas suas crianças.

Mulher que tem uma rotina dura de trabalho na roça, na cozinha da cooperativa, na vida domestica. Acharam tempo de planejar essa ação conjunta com todas as mulheres em prol de uma educação mais contextualizada com sua realidade.

O plano e fazer uma horta para que os produtos sejam vendidos na feira e esse dinheiro arrecadado cumpra o papel de realização dessa escola.

O mais impressionante que percebo e que vem das mulheres, essa iniciativa. Como se estivessem apartadas da responsabilidade dos pais nesta empreita. A cultura impregnada de que a mulher deve ser responsável pela educação dos filhos ainda impera em alguns espaços.

“Azul porque azul é cor e cor é fê menina

Eu sou tão inseguro porque o muro é muito alto

E pra dar um salto me amarro na torre no alto da montanha”. GIL, Gilberto (1977).

Soraia lidera essas mulheres, e como se não bastasse ela ainda acha tempo pra vir estudar Matinhos uma vez por mês para cursar a especialização ANE (Alternativas para uma Nova Educação) na UFPR Litoral. Jovem em busca de mudanças e como ela mesma diz: “temos que agir tirando as ideias do papel e as por em prática. Sem ação não há mudança”.

”Agradeça a Clemente,

Que leva a semente,

“Em seu embornal...” LEE, Vander (2008).

10 LENIR MARISTELLA DANDO A SUA VERSÃO

LAÇOS DE AMOR FAZ COM TODOS OS QUE A RODEIA,
EMBALA OS SONHOS E AS POTENCIALIDADES DOS QUE SENTE PRECISAR,
NATURALMENTE GUERREIRA,
INSTINGA ME A SONHAR,
RISO LINDO E VIDA EXEMPLAR, DE MULHER FORTE, DE NUNCA DEIXOU
 DE LUTAR.

MENINA, MOÇA E MULHER EDUCADORA DE ENCANTADORES DOTES,
AMA A NATUREZA E OS ANIMAIS,
RESPEITA E CONFIA NOS MORTAIS,
ILUSÃO ELA NÃO TEM NÃO,
SENTE NA PELE E LUTA PELA INCLUSÃO,
TEIMOSA ELA NÃO DESISTE NUNCA, TEM AS ARMAS NA MÃO: FÉ E DEDI-
 CAÇÃO.
ESTRELA QUE ILUMINA NOSSAS VIDAS,
LINDA,
LENIR MARISTELLA DA SILVA,
AQUELA QUE ESTAR A FRENTE DE TUDO, SENDO UMA MULHER VERDA-
 DEIRA E CHEIA DE SUPERAÇÃO.

Essa prosa foi feita com a mulher, mãe, educadora, formadora de opinião, militante de uma educação inclusiva. A Dra. Professora Lenir Maristela Silva, 53 anos, de Amaporã PR, doutora em Ciências.

Em seu gabinete na UFPR Litoral me concede a entrevista onde mergulho em seu universo.

Lenir quando estava com um ano e oito meses foi marcada pela poliomielite, marcou fortemente sua vida. Foi criada por pais semianalfabetos dentro uma cultura machista, vinda principalmente de sua mãe que dizia que o seu destino era casar e ter filhos. Sempre foi uma menina muito tranquila e era muito obediente acreditava que tudo que seus pais falavam era o certo. Não tinha a índole de transgredir e foi até bom pra superar a sua deficiência. Sempre foi muito estudiosa e segundo ela não queria que

eles se decepcionassem novamente como foi para eles a descoberta da poliomielite. Ter sido tocada pela doença foi uma grande decepção. Todavia, o seu pai não era machista e a incentivava a ser independente a se sustentar e a ter uma vida melhor. Vivia numa pobreza, mas não aquela pobreza extrema de faltar o que comer o seu pai sempre teve a responsabilidade e habilidades de nunca deixar faltar nada, ou seja, o básico para a família. Tinha um carro velho, uma casa e sempre comida na mesa. Foi taxista e corretor.

Lenir diz que tinha o complexo de cinderela, que queria casar ter filhos, ter um carro e uma vida boa. Mas com o tempo percebeu que precisava seguir em frente e sempre muito obediente seguia os conselhos de seu pai.

Apesar de seus pais não aceitarem o seu casamento ela insiste e casa-se já aos 21, logo após a chegada de seu único filho ela se separa aos 26 anos.

Sempre trabalhou queria ter sua independência. E seu pai a incentivava. Dizia-lhe que admirava uma mulher que dirigia que estudasse inteligente, mulher que fumava para ele e de se admirar, pois sabia do modelo tradicional. (Lenir nunca fumou)

Após sua separação deixa de lado um pouco o plano afetivo e segue em busca de autonomia profissional e de seu sonho que era fazer mestrado e doutorado.

Lenir estudou muito e passou em alguns concursos, logo vislumbrou o sonho ao seu alcance.

Conta que tudo que conquistou não foi sem sacrifícios e dificuldades, passou muitos problemas financeiros, pois naquela altura já estava com seu filho pequeno e a responsabilidade de cria-lo sozinha. Por exemplo, pra fazer o doutorado, no governo do Fernando Henrique Cardoso ela não tinha condições de continuar no apartamento que tinha na cidade de Pato Branco e ainda alugar outro em Curitiba. Assim Lenir abre Mão de seu apartamento que pagava pela caixa econômica e parte em busca de seu sonho em Curitiba que era ser doutora e não ter um apartamento.

Sofreu muitos tipos de preconceito e superou todos, todavia sabia que o mundo da ciência e machista. Teve como cargo coordenadoria do curso de agronomia, um curso composto pela maioria homens enfrentou o preconceito com sabedoria mostrando se capaz de superar.

Lenir tem uma deficiência na perna e nem isso a segura. Dirigi seu carro, faz todas as atividades que deseja e ainda viaja por todo o país divulgado a educação emancipatória.

Está envolvida em vários projetos de educação. Lutando por mais um sonho fazer a diferença para as populações menos privilegiadas. Lidera um corpo de mulheres

autônomas que fazem a diferença neste fronte. Pensando no futuro das gerações.

11 A ABELHA RAINHA, EDUCA, FAZ MEL E VALORIZA A AGRICULTURA FAMILIAR

Debandando-me de Matinhos para os lados de São José dos Pinhais, a encontro de dona Marli, 58 anos, nascida em Chopinzinho – PR, aos 32 anos decide mudar para a cidade de Curitiba.

Foi secretária de uma creche em Curitiba, professora e freira. Em sua mocidade conhece o seu atual esposo Manuel, os dois na época no celibato. Ela freira e ele estudando para ser padre, se conheceram num encontro de igrejas. Logo o amor fala mais alto e ambos abandonam o futuro religioso e casam-se.

Ao seguir para a capital, em busca de melhores condições de vida ela dar início a carreira na educação, entretanto morava no sítio Tapera do Pinhal que os dois adquiriram em São José dos Pinhais, local que mora até hoje.

O seu trabalho era longe demandava tempo e muito esforço fazendo-a a pensar se estava valendo a pena tanto sacrifício.

Naquela altura já tinha um filho e para ela estava difícil conciliar tantas atividades. Com muito pesar decidi sair do trabalho na cidade e ajudar seu companheiro na lida na roça e poder cuidar do seu menino de perto. Marli quando decidi fazer a escolha de vir para o campo ela estava alimentando um lado que ela gostava e valorizava muito que é a qualidade da alimentação.

Passa a se dedicar integralmente a família e a agricultura familiar. Plantando produtos agroecológicos e a produção de mel de abelha. Marli tem outro filho já morando no sítio.

Muito trabalho e dedicação, união e amor foram ingredientes fundamentais para o sucesso que eles tiveram tanto na vida profissional como pessoal. Um casal harmonioso e se nota muita cumplicidade.

Atualmente tem uma frutaria no centro de São José onde são vendidos os produtos do sítio todos cultivados sem agrotóxicos.

Defensores da agrofloresta e militantes da produção de alimento longe dos agrotóxicos.

Desfrutam de paz e tranquilidade num lugar em meio à natureza, conseguiram fazer uma casa muito confortável e é dona de uma receita de arroz doce que merece um prêmio.

Marli essa mulher guerreira, delicada, amorosa e calma um exemplo de mulher

que segue em frente pensando na família e que a vida é uma dádiva. Única mulher na casa, com o companheiro e dois filhos homens.

Seu filho mais novo relata que ela deu um corretivo nele quando tinha 10 anos porque ele disse que lavar louça é coisa de mulher.

Na comunidade onde mora faz o papel de líder contribuindo tanto com o exemplo de mulher imponderada. Abre falas com mulheres sobre machismo e limites de exploração que algumas são submetidas e nem se dão conta, pois está tão naturalizado esses comportamentos que cabe a ela dar certos esclarecimentos, ela faz esse papel com as mulheres que a procuram.

Na frutaria onde divide o trabalho com seu Manuel. Já teve muitos enfrentamentos devido ao preconceito, alguns homens não aceitavam serem atendidos por ela e exigiam a presença do marido para atendê-los.

Passou momentos que necessitavam que ela fosse forte para superar, pois não havia muitas alternativas. Nesses acontecimentos não se deixava contaminar pela tristeza profunda, procurando ver no futuro novas perspectivas. Segue sua vida na companhia de sua família e é vizinha de seu pai músico que alegra a todos com suas músicas na gaita. Servindo de exemplo para as mulheres da redondeza.

12 FUTURO DE IGUALDADE DE GÊNERO E VALORIZAÇÃO DE AÇÕES FEMININAS

Essa força que sai das entranhas femininas, onde a utopia acerta a caminhada. Onde a criatividade, inovações e lutas fazem dessas mulheres vitoriosas, cada uma em seu contexto mais todas com a mesma resistência, resiliência e persistência.

Fazendo do meio um modo de vida. Trazendo exemplo e reverberando resultados a outras mulheres. Fazendo-se serem vista e serem ouvidas desde os rincões à academia. Todas elas independentes de suas histórias não se deixaram levar pela onda de pessimismo, medo e/ou pela falta de direitos.

Elas vão adiante mesmo com as dores, os sofrimentos, se revelam apesar disso tudo alegres, sonhadoras e acreditando que podem fazer um mundo melhor, mais humano. Abrindo espaço de mais respeito às diferenças de gênero. Esse trabalho comprova que existem possibilidades de um mundo seguro para mulher sendo, entretanto um mundo seguro para todos.

Almejando serem ouvidas e criando mecanismos de compreender essas capacidades femininas e um mundo mais igual respeitando às diferenças.

Esse trabalho comprova que as oportunidades que não lhe foram dadas pelo sistema de alguma forma elas rejeitaram e mostraram que poderia construir novos caminhos e deram a volta por cima. Todas as atividades por elas executadas seja por necessidade financeira ou por opção ideologia todas foram de sucesso.

Os aprendizados foram muitos e pretendo seguir neste estudo para eu compreender cada dia mais, dar visibilidade a essas mulheres extraordinárias que fazem de suas vidas trampolim pra mudanças e pra uma melhor qualidade de vida para com urgência e para as gerações futuras, sem preconceito de gênero. Tornando um mundo melhor pra homens e mulheres.

Uma sociedade com direitos respeitados, assim abri-se um canal pra outras qualidades femininas intangíveis serem valorizadas. Acredito que essas mulheres farão a ponte para união dos povos sem restrições.

Em todas essas mulheres observei que houve um evento desafiador que as impulsionaram para a superação. Algum episódio triste na vida as fez se enxergarem como capazes de tornar o futuro diferente, partindo de seu posicionamento frente a aquela situação difícil. Os filhos também são fonte vital de superação, elas não desejam vê-los sofrer e fazem tudo para suprir as demandas e de todas as áreas da vida deles. Essa força

parte delas do interior de cada uma dessas mulheres é uma força individual.

Outra observação é que a busca pelo saber está intimamente ligada a elas como ferramenta de superação, arma contra o preconceito e exemplo para os filhos.

A questão da falta de tempo também foi objeto encontrado como dificultador para que as mulheres se vissem como indivíduos femininos e que tenha tempo pra suas intimidades e individualidades. Já que passam a maioria do tempo na função do trabalho fora, do trabalho doméstico, da educação dos filhos, entre outras. Pesquisas do PENUD comprovam que mulheres trabalham 24 horas a mais nos serviços domésticos durante a jornada de um mês.

13 O BOM DE TUDO

Em todas as histórias de vida observada se constatou que um dos fatores importantes para a superação dessas mulheres foi o apoio de outra pessoa, familiar ou não, o apoio de uma instituição, desse jeito todas tiveram a interação, a força e colaboração de alguma maneira para que elas obtivessem o sucesso em suas empreitadas. É de suma importância ter um suporte familiar, educacional, governamental para essas mulheres cheguem a superar as adversidades da vida. Mas a peça fundamental desse quebra cabeça nasce do interior da mulher de sua intimidade feminina, essa energia, essa força é gerada pelo seu próprio ser que é capaz de leva-las onde elas quiserem. Transformando-as em mulheres extraordinárias Portanto esse fenômeno é individual, ela querendo e achando em si os mecanismos necessários poderá fazer essa superação com ou sem ajuda de outros.

Também é importante dizer que a união feminina é uma caminha essencial para que chegue mais rápido um futuro seguro para todos. Isso nos reafirma que a união entre as pessoas, a alteridade, o pensamento no coletivo, o trabalho em equipe, onde um contribui para a evolução do outro gera uma força motriz para superar qualquer obstáculo.

As mulheres ainda estão longe de uma sociedade desejada, mas estão cada dia mais perto de novas mudanças a partir da união, dos direitos adquiridos e das lutas sociais.

14 GRUPO DE APRENDIZAGEM UNIÃO FEMININA

È de muita importância que mulheres se reúnam e criem um grupo de trocas de vivências para que assim elas se apoiem umas nas outras fazendo da vida da outra uma veiculo de superação.

Esse movimento também lhes proporcionam autonomia, sociabilidade e vínculos afetivos de amizade.

Construir espaços voltados para mulheres que lidem com a imensidão de assuntos ligados a vida feminina. Podendo ser nos ambientes ligados a educação como a escola ou qualquer ambiente desde que haja uma iniciativa das próprias mulheres. Será de grande importância para a autonomia e processos de emancipatório individual e coletivo.

REFERÊNCIAS

Disponível em: <<https://nacoesunidas.org/agencia/pnud/>>

CUNHA, Maria Isabel, Conte-me Agora, revista da faculdade de educação print version
1ssn 1012-2555 vol. 23 n. 1-2 São Paulo, jan/Dec.1997.

ALVES, RUBEM. O amor que acende a lua. São Paulo: ed. Papirus. São Paulo: 2003.

NOVOA, ANTÔNIO. Vida de professor. Porto: Porto, 1982.

KOLLONTAI, Alexandra, A nova mulher e a moral sexual. Expressão Popular. 2000.

Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=14NqOdRY_Ls> Acesso em: 2
junho 2017

ALVES, RUBEM. O amor que acende a lua. São Paulo: Papirus, 2003

Disponível em: <<http://www.rdpizzinga.pro.br/livros/emorin/emorin.html>>

Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=JEDTPen7QPE>>

Disponível

em:<<http://www.br.undp.org/content/brazil/pt/home/presscenter/articles/2017/11/22/apesar-das-pol-ticas-para-erradicar-a-viol-ncia-contra-as-mulheres-am-rica-latina-e-caribe-s-o-regi-o-mais-violenta-do-mundo-para-elas-afirmam-onu-mulheres-e-pnud.html>>

AZEVEDO, B. Histórias de vida de mulheres Extraordinárias: Anexo 1. 06 imagens
color. 2017.

ANEXO 1 – RETRATO DE MULHER



Imagem 01: Dona Rosa na Janela de sua casa, ilha de Barbados PR. Foto By: AZEVEDO,B.2017



Imagem 02: Mulher Trabalhadora rural no acampamento José Luxemburg do MST em Antonina PR. Foto By: AZEVEDO,B.2017



Imagem 03: Tratorista e filhas, acampamento MST em Antonina PR. Foto By:AZEVEDO,B. 2017



Imagem 04: Dra. Professora Lenir Maristella na UFPR Litoral, Matinhos PR Foto: AZEVEDO, B. 2017.



Imagem 05: Dona Marli e seu Pai, São José dos Pinhais PR. Foto By:AZEVEDO, B. 2017.



Imagem 06: Pedagoga Soraia em evento estudantil na comunidade acampamento José Luxemburgo Antonina PR. Foto By: Azevedo, B. 2017.